
DAN PERJOVSCHI

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos

desenho – parede – discurso: Dan Perjovschi na Culturgest Porto

“Os meus desenhos parecem espontâneos, mas não são.

Para cada projecto desenho dois ou três cadernos de apontamentos. Em cada um desses cadernos faço cento e cinquenta desenhos, dos quais selecciono trinta para serem transferidos para a parede. Desses cerca de sessenta novos desenhos cinco entrarão no repertório. Os desenhos de repertório são aqueles que são universais. Toda a gente vai percebê-los, gostar deles, confiar neles. Eu redesenho-os (volto a fazê-los) para novas circunstâncias. Redesenhar novos desenhos. Por vezes eles constituem a maioria (se a situação não for suficientemente desafiadora, se eu não tiver tempo ou se estiver preguiçoso). Outras vezes eles criam a estrutura para outras imagens surgirem. O repertório de desenhos é o meu factor de estabilização. O resto desaparecerá assim como as histórias que os geram desaparecerão. Algum do desenho que eu fiz tornou-se hoje incompreensível para mim. Esqueci-me da história, esqueci-me dos nomes. Não sei sobre o que é tudo.

Uma nova exposição vai gerar vinte por cento da próxima exposição, e assim por diante. Marcador preto de tinta permanente, giz branco, pincel delicado, chão, paredes, tectos, janelas, jornais... Eu transporto desenhos de um contexto para outro. As mesmas imagens, uma audiência diferente. Um novo desenho de parede para ser feito aqui, outro para ser feito ali. Lyon activo, Paris já não. Adeus Lisboa, bem-vindo a Santiago do Chile. O repertório é vago e virtual. Desenhos frescos entram, desenhos velhos apagam-se. Uma espécie de vocabulário da memória.

Se me conseguir lembrar, eu falo.”



Culturgest, Porto, 2007 © André Cepeda

Dan Perjovschi reduziu ao essencial quer o processo de trabalho, quer o material que usa nos seus projectos. De sítio para sítio, de país para país, de continente para continente, transporta apenas cadernos de apontamentos e de desenhos e marcadores de tinta permanente. O seu método de intervenção, extremamente simples e directo, constituiu-se a partir de um princípio de depuração e de economia. A ferramenta exclusiva do artista é o desenho; contudo, não falamos de desenho no sentido convencional do termo. Passamos a explicar: Dan Perjovschi desenha directamente nas paredes, no tecto ou no chão dos espaços em que intervém, dispensando, assim, mesmo a folha de papel, suposto mínimo denominador comum quando falamos dessa prática ancestral. Menos é mais, portanto. Menos bagagem, menos material, menos objectos, menos peso, mais acuidade, mais sentido crítico, mais limpeza, mais clareza, mais lisibilidade.

Próximos da caricatura, do *grafitti* ou do *cartoon*, os desenhos de Dan Perjovschi jogam num registo de reconhecimento imediato, de leitura/decifração directa, não muito distante, em termos de estatuto, do fluxo de imagens com que nos confrontamos e que assimilamos no dia-a-dia. Para Dan Perjovschi o desenho é uma espécie de escrita contínua, sem oscilações formais ou estilísticas, sem hierarquização ou sem inflexões semânticas do traço. O rigor da linha traduz-se, na sua clareza, por estar ao serviço de uma ideia, ou seja, Perjovschi desenha para comunicar, para interpelar, para interrogar, para afirmar. Neste sentido, o processo de trabalho não começa nem acaba com a intervenção propriamente dita. Ele começa a montante, muito antes do momento em que desenha na parede do espaço expositivo – o artista actua como um antropólogo, que observa, que anota, que organiza um discurso – e prolonga-se, a jusante, transportado pelo público, por cada pessoa que



Culturgest, Porto, 2007 © André Cepeda

visita a exposição, constituindo-se potencialmente um diálogo e múltiplos discursos.

O método de trabalho de Dan Perjovschi remete para uma face-ta decisiva do desenho que, no contexto artístico, pouco valoriza-mos. Para além de ser um valioso meio de anotação, um precioso auxiliar de memória ou uma poderosa ferramenta conceptual, o desenho é algo que nos pertence, que nos é interior. Pensemos, por exemplo, na utilização do desenho em âmbito judicial ou como método de investigação ou de descrição. O desenho faz prova de corpo presente (de presença), faz prova de testemunho. Neste caso, num contexto de tribunal, por exemplo, o lápis ou o marcador são um prolongamento do corpo, não sendo considerados próteses, portanto não podendo ser interditados, como a máquina de foto-grafar ou de filmar.

Podemos então dizer que desenhar, para Dan Perjovschi, não é diferente de dizer, falar ou escrever. Para ele o desenho não é uma projecção interior, a tradução de algo que nos surge críptico ou obscuro. O artista faz a economia de tudo isso. Não lhe interessa o desenho enquanto metáfora. Interessa-lhe chegar às pessoas, comunicar directa e inequivocamente com elas. Para Dan Perjovschi a arte não é um meio de cultivar o gosto, mas uma forma de responsabilização, um compromisso, uma troca, um testemunho. Desta forma, os temas do trabalho de Dan Perjovschi oscilam entre a análise e a crítica sócio-políticas e o comentário sobre a condição ou o estatuto e lugar do artista no contexto artístico.

O artista desconstrói a noção de exposição. Invadido aparentemente de forma aleatória por desenhos aparentemente desconexos entre si, o espaço arquitectónico torna-se numa espécie de superfície, de quadro. Não se trata, porém, de uma superfície neutra, pois estamos a falar de um espaço simbólico que é transformado em parte integrante, significativa, do processo de trabalho, do discurso. A instituição é assim vista em toda a sua extensão de significados e de valias (como espaço de acolhimento, como espaço para pensar, como espaço de crítica permanente, como espaço aberto para o exterior).

Na Culturgest Porto, Dan Perjovschi desenha a giz branco sobre paredes negras, instabilizando assim o nosso habitual modo de percepção da figura e do fundo, dando-nos como que o negativo do desenho inscrito numa espécie de ecrã de cinema. A intervenção, cuidadosamente pensada em termos espaciais e simbólicos, define-se enquanto densidade e substância. Oscila permanentemente entre dois pólos, radicalizando a relação com o espectador/interlocutor, complexificando o trabalho perceptivo de cada espectador: o ecrã/o traço, o negro/o branco, o sério/o cómico, a

improvisação/a reflexão, a densidade temática e a proliferação dos desenhos/a imaterialidade da superfície negra.

Podemos estabelecer um diálogo, uma proximidade, entre esta intervenção e a recente exposição de Bart Lodewijks: ambos os artistas intervêm directamente sobre as paredes do espaço. Contudo, o método de abordagem ao espaço é radicalmente distinto. Onde Lodewijks utiliza subtilmente a linha para desestruturar o equilíbrio, o hieratismo, as linhas de força desta arquitectura, Perjovschi neutraliza o vazio, os momentos de pausa propostos pelo branco da parede, para contaminar a compostura arquitectónica, fazendo surgir da profundidade da superfície negra (como se o espaço exterior invadisse o interior do espaço) um vasto e desnorteante conjunto de desenhos, ligados entre si por uma mesma lógica discursiva, um mesmo plano linguístico.

“Há momentos de pensamento intenso e outros momentos de puro jazz”, diz de forma lapidar o artista acerca do seu processo de trabalho.

Dan Perjovschi (Sibiu, Roménia, 1961) chamou a atenção do mundo da arte com a sua instalação no pavilhão romeno na Bienal de Veneza em 1999. Tem tido, desde então, um percurso de crescente e acelerado reconhecimento internacional. O projecto realizado na Culturgest sucede a outros desenvolvidos na Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa (2004), no ARC Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris (2005), na Generali Foundation em Viena (2005), na Bienal de Istambul (2005), no Museum Ludwig em Colónia (2005), na Tate Modern em Londres (2006), no Moderna Museet em Estocolmo (2006), no Portikus em Frankfurt (2006), ou no Stedelijk Museum em Amesterdão (2006).

17 DE FEVEREIRO – 5 DE MAIO 2007

EXPOSIÇÃO

CURADORIA

Nuno Faria

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Susana Sameiro

MONTAGEM

Bruno Fonseca

Bruno Silva

Eduardo Matos

Renato Ferrão

Vítor Costa

JORNAL DE EXPOSIÇÃO

TEXTO

Nuno Faria

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Marta Cardoso

DESIGN

Gráficos do Futuro

PRÉ-IMPRESSÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Gráfica Maiadouro

INFORMAÇÕES 22 209 81 16

WWW.CULTURGEST.PT

Galeria do edifício da Caixa Geral de Depósitos
Avenida dos Aliados 104, Porto

Galeria aberta das 10h às 18h

Quintas-feiras das 13h às 18h

(última admissão às 17h45)

Encerra aos Domingos e feriados

grupo



**Caixa Geral
de Depósitos**
